



## Mouraria: onde mora o quotidiano na invenção do património urbano?

**Marluci MENEZES**

*Investigadora do Laboratório Nacional de Engenharia Civil – LNEC, Geógrafa, Doutora em Antropologia*

**Resumo :** *Discute-se, em linhas gerais, o proveito da análise das práticas quotidianas para melhor compreender as dinâmicas socio-espaciais de invenção continuada do património numa cidade em acelerado processo de transformação. Este objetivo de cunho mais abrangente é aqui introduzido a partir de comentários específicos e relacionados com o Bairro da Mouraria, em Lisboa. Isto porque, ao considerar este bairro como caso de discussão, chama-me particular atenção uma certa centração naquilo que o bairro foi (ou teria sido) – o passado – e naquilo que se pretende como horizonte futuro para o bairro – o projeto. Essa espécie de lógica de ocultação do quotidiano – algures perdido entre um passado idealizado (mas que pode também ser rejeitado) e um sedutor horizonte futuro que, em grande medida, se delinea por contraposição ao que é indesejável (e relacionado com um tempo-espaço passado, mesmo que próximo) – conduz-me a pensar sobre o interesse em investir num conhecimento que contribua para melhor compreender-se os sentidos e significados quotidianos do viver o bairro, a cidade, como se de uma reivindicação ao direito à visibilidade do quotidiano também tratar-se.*

**Résumé :** Nous discutons, de manière générale, l'intérêt de l'analyse des pratiques quotidiennes, pour mieux comprendre les dynamiques sociospatiales de l'invention continuée du patrimoine d'une ville qui connaît une accélération du processus de transformation. Cet objectif, d'une plus large ampleur, est introduit ici à partir de commentaires spécifiques et en relation avec le quartier de la Mouraria, à Lisbonne. En faisant du quartier de la Mouraria un objet d'étude, celui-ci m'interpelle particulièrement de par une certaine centration sur ce que fut le quartier (ou a dû être) – le passé – ; et dans ce qui prétend devoir être l'horizon futur du quartier – le projet. Cette sorte de logique de l'occultation du quotidien – quelque part perdue entre un passé idéalisé (mais qui peut également être rejeté) ; et un séduisant horizon-futur qui, dans une large mesure, est décrit en contrepoint avec ce qui est indésirable (et en relation avec le temps-espace passé, bien que proche) – me conduit à réfléchir sur l'intérêt à investir dans une connaissance qui contribue à une meilleure compréhension des raisons et significations quotidiennes de vivre le quartier, la ville, comme s'il s'agissait aussi d'une revendication au droit à la visibilité du quotidien.

## A inventiva arte de viver o dia-a-dia: o quotidiano como argumento de estudo

*“O quotidiano não é apenas o espaço de realização de atividades repetitivas: é também um lugar de inovação. (...) A própria recusa do quotidiano (a festa, as viagens, as férias...) é a sua reorganização e transformação. O quotidiano banal, trivial, repetitivo, faz parte de um outro quotidiano. Compete à sociologia da vida quotidiana revelar a riqueza oculta dessoutro quotidiano sob a aparente pobreza e trivialidade da rotina, ou, como muito bem referiu Lefebvre, «alcançar o extraordinário do ordinário»”*

(Machado Pais, 1986, 14)

O objetivo geral desta reflexão é sensibilizar para o interesse em observar o quotidiano para compreender o processo de invenção continuada do património, nomeadamente numa cidade em acelerado processo de transformação, como é o caso de Lisboa. Este objetivo de cunho mais abrangente (e mais ambicioso) é aqui introduzido a partir de comentários específicos relacionados com o Bairro da Mouraria. Isto porque, na qualidade de uma já prolongada observadora e estudiosa das transformações urbanas e imaginárias associadas à Mouraria, tenho vindo a notar, sobretudo nos últimos três anos, o ampliar de um discurso que, operando a partir de *sentidos de desejabilidade*<sup>1</sup>, dissimula o “lufa-lufa quotidiano” local (Machado Pais, 2010) através de uma vitrina de visibilidades possíveis e sobretudo identificadas com as práticas desejadas.

O discurso que opera a partir de *sentidos de desejabilidade* é sobretudo proferido, divulgado e veiculado por representantes associativos, institucionais e organizacionais, tais como: autoridades públicas, comerciantes, meios de comunicação social, associações culturais e recreativas, e mesmo alguns pesquisadores. A aceção dominante com que os sentidos de desejabilidade se

1 Por *sentidos de desejabilidade* entende-se as idealizações sobre o que o bairro poder vir a ser enquanto horizonte futuro.

manifestam, não só induz a uma interrupção na relação entre o que é herdado, o que é vivido na atualidade e o que é projetado como perspectiva futura, como também expressa-se através de um propósito de articulação entre local e global na generalização de certas imagens do bairro, entretanto espelhadas na tematização de práticas que almejam corresponder a determinadas tendências, modas e estilos. À tematização dos sentidos de desejabilidade associa-se ainda imagens que procuram fazer com que o bairro seja vinculado à ideia de tradicional, mas também de cosmopolita e cultural, associando-se ainda à ideia de multicultural. A promoção do bairro a partir desses sentidos de desejabilidade é, por exemplo, manifesta nos propósitos de requalificação do espaço público urbano, onde o intuito de induzir “novos comportamentos” (cf. <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>) é particularmente marcante na tentativa de criação de novas imagens do local, novos patrimónios. Esta observação permite ainda salientar dois outros aspectos, aparentemente contraditórios. Isto é, por um lado, a vitalidade sociocultural, conforme expressa nos espaços públicos locais, serve como recurso para a criação de uma determinada imagem de marca do local. Esta mesma vitalidade sociocultural é, por outro lado, paradoxalmente considerada como desvitalizada e depreciativa, assim justificando a sua regeneração através da indução de novos – e mais desejáveis – comportamentos (Menezes, 2012a).

Portanto, esta espécie de lógica de ocultação do quotidiano – algures perdido entre um passado idealizado (mas que pode também ser rejeitado) e um sedutor horizonte futuro que, em grande medida, se delinea por contraposição ao que é indesejável (e relacionado com um tempo-espaço passado, mesmo que próximo) – faz-me questionar sobre: Onde mora o quotidiano na compreensão dos processos de transformação urbana que se aliam a uma invenção continuada do património?

Por quotidiano entende-se o que sucede no dia-a-dia das pessoas comuns, diz respeito a rotina, a repetição e a regularidade, mas também ao imprevisto, ao aleatório e ao inesperado, ao sonho e à aventura (Machado Pais, 1986). Considerando-se que as pessoas

comuns são produtoras ativas e não simples receptoras das ideologias, crenças, tradições e linguagens, o quotidiano é aqui entendido como uma invenção continuada do fazer acontecer: respeita as artes de viver, representar e apropriar o dia-a-dia através de táticas e estratégias que subvertem as imposições (Certau, [1980] 1990). Daí que, como refere Machado Pais (2003), uma sociologia da vida quotidiana estaria mais próxima de uma “lógica de descoberta” do que de uma “lógica do preestabelecido”. Uma perspectiva que, a meu ver, permite melhor explorar, conhecer, analisar e compreender as transformações nas dinâmicas socio-espaciais a partir das suas especificidades locais, permitindo ainda contrariar, ou melhor dizendo, complexificar, um sentido único e impositivo de entendimento da questão urbana somente a partir de lógicas globais e de cunho generalista.

Captar e compreender a cidade como um processo em contínua transformação exige ao observador e, em especial, ao investigador, uma atenção redobrada sobre o que passa, o que fica e o que a cidade poderá ser. Neste sentido, Alessia de Biase (2012, 199) refere o quão fundamental é compreender a cidade em transformação a partir da articulação entre três tempos e três escalas: “a cidade herdada, a cidade habitada, ou a cidade do presente que se faz e desfaz continuamente; e por fim a cidade projetada, que se confronta constantemente com seu horizonte futuro”. Considerando esta perspectiva um princípio para a compreensão da dinâmica de transformação urbana que sucede no Bairro da Mouraria, chama-me particular atenção uma certa centração naquilo que o bairro foi (ou teria sido) – a herança – e naquilo que se pretende como horizonte futuro para o bairro – o projeto. Melhor explicando, chama-me particular atenção a ocultação do dia-a-dia das pessoas em prol de simulacros deste mesmo quotidiano.

Portanto, reivindico o *direito à visibilidade do quotidiano* para melhor compreender as transformações pelas quais, em específico, o Bairro da Mouraria passa e, em geral, a cidade passa. Julgo ainda que esta mesma visibilidade pode nos fornecer pistas mais consistentes para pensar os processos de intervenção urbana a partir das reais necessidades locais e, neste sentido, melhor

se trabalhar a ideia de *direito à cidade* (Lefebvre, [1968] 2008).

## Compreender a invenção do património num quotidiano em contínua intervenção

---

Visado, sobretudo desde de meados do século XX, pelas lógicas públicas de intervenção urbana, o Bairro da Mouraria tem-se mantido, ao longo do tempo, como “objeto de reabilitação urbana” (Firmino da Costa & Ribeiro, 1989). Efetivamente, o que tem justificado as lógicas de intervenção remetem para o que aqui se chamaria de uma cíclica quotidianidade repleta de contradições e heterogeneidades cuja visibilidade relaciona-se, em particular, com o espaço público local (Menezes, 2002, 2004). Estas contradições e heterogeneidades vão desde à pobreza, às precárias condições de habitabilidade, prostituição, marginalidades várias, carências socio-económicas educacionais e de emprego, aos mais recentes problemas relacionados com os sem-abrigo, o envelhecimento da população, o tráfico e consumo de drogas, à imigração e às desigualdades associadas. Todavia, as lógicas de intervenção urbana se alteraram com o passar do tempo. Em síntese, estas lógicas passaram dos ideais de completa renovação – e que justificaram a destruição de grande parte do bairro entre os anos 30-60 – aos ideais de reabilitação e salvaguarda do património urbano, conforme se verifica a partir de meados dos anos 80 do século XX.

Mas, a semelhança do sucedido em outras cidades históricas europeias – e não só –, o processo de reabilitação urbana prosseguido em Lisboa, também repercutido no Bairro da Mouraria, desenvolve-se a partir de diferentes fases ou gerações. Seguindo os passos de João Queirós (2007) conforme discussão que desenvolve sobre o processo de reabilitação urbana na cidade do Porto, de forma muito sintética e adaptando a mesma para a situação de Lisboa, estas fases ou gerações podem ser consideradas como as seguintes:

- (1ª geração) Década de 1980 – princípios dos anos de 1990 – a pressão social nos

bairros históricos, em especial Alfama e Mouraria, contra a expulsão das famílias residentes em decorrência do “saneamento das condições ambientais” (Portas, 1985), paralelamente à reivindicação da melhoria das condições de habitabilidade locais, e a consequente influência da experiência de Bolonha junto de técnicos ligados à intervenção, contribuíram para a criação dos primeiros gabinetes técnicos locais de reabilitação urbana. Inicialmente, as ações destes gabinetes sobretudo orientaram-se pelos ideais de manutenção da população, melhoria das condições de habitabilidade e valorização dos contextos (Menezes, 2005);

- (2ª geração) Finais da Década de 1990 – meados dos anos de 2000 – pouco a pouco as estratégias adotadas viraram-se para o aumento da visibilidade dos núcleos históricos, inicialmente através de um maior investimento na estetização dos edifícios – onde é recorrente a prática do “fachadismo” –, paralelamente verifica-se a diminuição das ações no interior das casas e edifícios. Investe-se, assim, na reconfiguração da imagem da cidade, seguindo-se as estratégias de patrimonialização e reconversão urbanística, iniciativas orientadas para o turismo e a promoção da cultura, com o crescente aumento da realização de festas e eventos;
- (3ª geração) Desde 2007-2008 até a atualidade – “urbanismo competitivo; institucionalização das intervenções; grandes projetos de reconversão urbanística; gentrificação; turismo, cultura e atividades de elevado valor acrescentado (...)” (Queirós, 2007, 105), ao que acrescenta-se a tendência para a ação ser sobretudo orientada para o espaço público urbano e a promoção de atividades por parte de privados e agentes culturais<sup>2</sup>.

2 A par das evoluções que se verificaram, as estratégias salientadas demarcam com particular incidência a prática de intervenção urbana e de urbanismo que, a partir de finais do século XX, seria adotada em muitas cidades do mundo. Um dos autores que desmonta a crítica a este modelo de intervenção e de urbanismo é Horacio Capel, nomeadamente em seu livro “El modelo de Barcelona” (2005). De entre os vários aspectos críticos salientados pelo autor, se destaca a inclinação para a cidade ser pensada para o exterior em detrimento da realidade socio-local dos seus habitantes, necessidades e quotidianos. Um “modelo” que se alastrou muito para além das fronteiras da cidade analisada pelo autor.

Independentemente dos ideais que sustentaram a estratégias prosseguidas na intervenção urbana observa-se que, até a entrada do século XXI, muitas das imagens e imaginários que sustentaram o ideal de renovação (e destruição) do bairro e seguidamente a sua reabilitação (Menezes, 2004), de algum modo tiveram o *quotidiano* por base de reivindicação da intervenção e definição do projeto de intervenção, nomeadamente através de discursos que assinalavam práticas e situações cíclicas de uma rotina de precariedade física e social. É a partir da 2ª geração, e sobretudo com a 3ª geração da reabilitação urbana que, ainda que a necessidade de intervenção seja inicialmente sustentada pelas misérias quotidianas, pouco-a-pouco, a visibilidade do bairro tende a ser sustentada por um discurso do *visivelmente desejável*.

As transformações mais recentemente ocorridas no bairro são, em muito, influenciadas pelo processo de intervenção urbana que, entre outros aspectos, para além de repercutir-se em toda a cidade, realiza-se a partir de uma (re)invenção do património de cunho local, ainda que a partir de um processo de “redobramento simbólico” conduzido do exterior (Firmino da Costa, 1999). O espaço público urbano e a cultura assumem um expressivo papel como motor de mudança e de criação de uma nova centralidade em Lisboa, o que parece ser uma tentativa de inversão da recorrente tendência do Bairro da Mouraria para manter-se à margem, ainda que com tantos anos de intervenção. Estas dinâmicas associam-se a um conjunto de lógicas sociais e culturais que tanto se repercutem na criação de novas espacialidades urbanas que, focando o espaço público, visam sobretudo induzir “novos comportamentos”<sup>3</sup>, bem como em criar imagens desejáveis do bairro. Pelo que, a intervenção prossegue em dois patamares de ação: uma dimensão física da intervenção (espaço público e edifícios) e outra de cunho imaterial (pessoas). Enfim, a Mouraria tornou-se um “caso de sucesso” cujo sentido “exótico” parece ter realçado o intuito de cruzar plano e intervenção com cultura e património imaterial, ficando estas relações ainda mais evidenciadas através dos recursos às expressões “soft”

3 Ver: <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>



(suave) e “hard” (duro) conforme assinalado pelo coordenador da intervenção local em recente entrevista (Sevilha, 2014). É certo, todavia, que a atual geração de intervenção/reabilitação urbana tem contribuído para inverter uma situação de (in)visibilidade indesejável, aumentando a atratividade local em termos da sua frequência, de investimentos imobiliários e comerciais, de algumas dinâmicas económicas – sobretudo associadas ao comércio e a prestação de serviços –, com especial enfoque nas dinâmicas de lazer, diversão, turismo e cultura.

### Encenações de uma Mouraria desejada (simulada?)

---

Fado, músicas e danças várias, passeios guiados através de roteiros (históricos, gastronómicos, artísticos), exposições de fotografias em espaço público, festas criativo-temáticas, performances, esculturas e vitrinas criativas, entre outros aspectos, compõem uma cenografia urbana que se repercute em imagens de um bairro que, parecendo estar sempre em festa, reinventa o seu património numa curiosa articulação entre passado e futuro. Faço, assim, notar, que no caso das atuais dinâmicas que sucedem na Mouraria, o tempo passado é particularmente expresso numa espécie de revivalismo de momentos e espaços muito específicos: (1) o tempo em que os mouros foram para ali viver (século XII) – em parte justificando um discurso atual de que o bairro seria, desde sempre, multicultural; (2) o tempo da Severa – curiosamente um mito – e de local de invenção do fado – ainda que uma análise cuidada deste mito permita compreender o fado como uma expressão transversal aos outros bairros de Lisboa, bem como insinuar que não é evidente a existência de uma data explícita para a sua invenção (possivelmente século XIX), nem tão pouco que a Mouraria seja o local *primordial* de origem do fado (Menezes, 2004); (3) o tempo do património arquitetónico e da história dos edifícios, mas também da cidade (conforme demarcado por edifícios mais emblemáticos). O tempo futuro, por outro lado, é expresso num projeto de bairro que tem como horizonte temporal uma data particularmente em voga

numa Europa do século XXI: o Horizonte 2020. Como se do “lufa-lufa quotidiano” (Pais, 2010) das crónicas que protagonizaram a Mouraria – segregando, mas também emblematizando (Menezes, 2004, 2012) –, o bairro fosse presentemente relacionado com uma contínua comemoração (*viva-viva!*), já que agora *há vida* na Mouraria!

Mas, a que património se pretende referir quando, a princípio, o património é uma construção social que se realiza no tempo presente a partir da articulação entre tempo passado e tempo futuro, entre bairro herdado, bairro presente e bairro projetado? As imagens de uma Mouraria que continuamente comemora o seu património – de uma Mouraria sempre em festa – são veiculadas através de discursos de diversos tipos, documentários, crónicas, artigos, sobretudo difundidos pelos meios de comunicação social e virtual, bem como articulam-se com o atual processo de intervenção urbana que decorre no bairro. Estará a Mouraria a viver um tempo suspenso?

Aqui é interessante retomar a noção de simulacro conforme sentido atribuído por Jean Baudrillard na sua compreensão da sociedade de princípios dos anos de 1980 (Baudrillard, [1981] 1991)<sup>4</sup>. Este interesse essencialmente decorre da publicação *on line* de uma banda desenhada intitulada “*Boudrilhar na Mouraria – Excertos de uma primeira leitura de ‘Simulacros e Simulação’ de Jean Baudrillard*” da autoria de José Smith Vargas<sup>5</sup>. Portanto, nesta banda desenhada, José Smith Vargas<sup>6</sup> representa Jean Baudrillard num passeio pelo Bairro da Mouraria da atualidade, traçando uma crítica social as dinâmicas locais. Ao longo do

---

4 Baudrillard (1991) associa a noção de simulacro ao surgimento da hiper-realidade e, como consequência, de um crescente aumento da necessidade de simulação – já que não se dissimula mais, mas sim simula-se –, onde signo e sentido se confundem, ainda que o primeiro tende a predominar sobre o outro. Para o autor, a ciência perderia o seu objeto de estudo, a iconografia se sobreporia sobre outras formas simbólicas, a ilusão perderia o seu poder de possibilidade, os *reality shows* dos anos de 1970 se convertem em espetáculos hiper-reais através de uma “televisão que nos vê” (Uribe & Néida, 2011).

5 Ver: [José Smith Vargas: https://www.behance.net/gallery/4749735/Boudrilhar-na-Mouraria](https://www.behance.net/gallery/4749735/Boudrilhar-na-Mouraria)

6 *Idem* nota 8.

passeio, o personagem da banda desenhada que se identifica com Jean Baudrillard faz uma série de comentários sobre o que vai vendo, de entre os quais reproduz-se alguns:

*“Hoje a abstração já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. É agora o mapa que precede o território (...).”*

*“Não é irreal, mas simulacro, isto é, nunca mais passível de ser trocado por real (...).”*

*“Quando o real já não existe a nostalgia assume todo o seu sentido”.*

*“Escalada do verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo, onde o objeto e a substância desapareceram”.*

*“O museu em vez de estar circunscrito como lugar geométrico, está agora em toda a parte, como uma dimensão de vida”.*

*“A etnologia em vez de se circunscrever a uma ciência objetiva, vai doravante generalizar-se a todas as coisas vivas e tornar-se invisível”.*

*“Assim vivemos por toda a parte num universo estranhamente semelhante ao original – as coisas são aí dobradas pelo seu próprio cenário. Mas, este duplo não significa como na tradição, a iminência da sua morte. Elas estão já expurgadas da sua morte, e melhor ainda, da sua vida: mais sorridentes, mais autênticas na luz do seu modelo, como os rostos das casas funerárias” (conforme extratos citados por José Smith Vargas)<sup>7</sup>.*

## A arte social de viver e inventar património: notas finais

---

Há alguns anos, quando estudei mais aprofundadamente alguns aspectos do bairro, observei como na compreensão do processo de inscrição da Mouraria no mapa social da cidade, era fundamental estar-se atento ao quotidiano da vida de rua, do espaço público. O que, por outro lado, permitiu-me constatar que, a partir de uma articulada relação entre dinâmicas exógenas e endógenas, quotidianamente se realizava uma elaborada construção social de imagens e visões do bairro através de uma continuada – e cumulativa – lógica inventiva. Este elaborado processo de invenção de imagens

---

<sup>7</sup> *Ibidem* nota 8 e 9.

do bairro se dava a partir de uma interessante relação entre passado, presente e futuro, bem como a partir de um conjunto de relações socio-espaciais que se estabeleciam numa dinâmica articulação entre: dentro e fora, acima e em baixo, traseiras e frente, longe e perto, Mouraria grande e pequena. Todavia, as cadências quotidianas eram temporariamente alteradas nas situações extraordinárias (ex.: momentos de festa e procissão, em muito identificados com um tempo cíclico). Pelo que, observei que nas situações extraordinárias o bairro parecia englobar a cidade – como se ao mesmo tempo a cidade fosse o bairro e o bairro fosse a cidade – e, assim, simbolicamente a Mouraria e as suas gentes reencontravam forças para, no quotidiano, continuar a sua tão ambígua e ambivalente participação no mapa social de Lisboa, reinventando-se como património cultural e urbano (Menezes, 2002). *Ambiguidade* e *ambivalência* foram, então, dois termos tomados como centrais para perceber a Mouraria. Isto porquê “no processo de consolidação e reconfiguração das imagens identitárias, verifica-se que, a par da continuidade de determinados traços que são utilizados para caracterizar a Mouraria, outros vão sendo indexados ao campo das significações imaginárias do bairro” (Menezes, 2012, 89), o que complexifica – e muito – captar e compreender as dinâmicas socio-espaciais locais, nomeadamente porque não estão cristalizadas em pólos que se opõem, mas sim se articulam de modo ambíguo e ambivalente (ver Quadro 1).

Mas, numa Mouraria que parece viver uma festa continuada no tempo e no espaço, como que se define o património local, a sua memória? Terá a cidade englobado a Mouraria, assim transformada em apenas mais um dos pontos de uma cidade que funciona em rede, sem especificidade socio-territorial? Como as situações extraordinárias se articulam com o quotidiano local? Como se dá a relação social entre tempo passado, tempo presente e tempo futuro? Na constante invenção do património cultural local, qual o lugar do quotidiano?

Ainda que presentemente tenha um olhar mais distante do dia-a-dia local, tenho, contudo, recolhido um conjunto de impressões que conduzem-me a pensar sobre um quotidiano que parece querer esconder-

Quadro 1 : Ambiguidade e ambivalência na continua invenção de imagens identitárias do Bairro da Mouraria

<b>MÁ FAMA, TIPICIDADE E TRADIÇÃO</b>	<b>COMPLICADO E CONTRADITÓRIO</b>	<b>MULTICULTURALIDADE E MULTIETNICIDADE</b>	<b>CULTURAL E COSMOPOLITA</b>
Vício Miséria Tempestuoso Prostituição Descaracterizado Fado Fadista Bairrismo Tradição Antigo Festas populares Marcha Procissão Pitoresco (ruas e edifícios)	Insalubridade Falta de civilização Crime Desordem pública Marginal Ilegalidades Gueto Vale dos vencidos Texas Chaga Social Insegurança Prostituição Sem-abrigo Sem papeis Imigrantes Toxicodependentes/ Traficantes Degradação do parque edificado Precariedade social Sujidade	Lenda de Martim Moniz Centro Comercial (Mouraria e do Martim Moniz) Mistura social Convívio multiétnico Mundos Mundo português Little Índia China Town Espaço plural Outros Cosmopolita Outra geografia Fragrâncias e Odores Cores Paladares Exótico Migrantscape	Culturas Todos Práticas antigas Património material Património imaterial Gastronomia árabe Gastronomia galega Internacional Babilónia Babel Atípico

Quadro elaborado a partir de: Menezes, 2002, 2004, 2012

se, mas que insistentemente continua, transforma-se e reinventa-se, projetando o património local. Mas que quotidiano é esse? As impressões que mais recentemente tenho vindo a acumular continuam por revelar um dia-a-dia de trabalho, de brincadeira, de pobreza, de risos, tristezas e discussões, de festas e comemorações, enfim, de diversidades e diferenças, mas também de muitas desigualdades e desencontros. Um quotidiano visível mas tornado invisível na representação de fadistas de tempos outros em prédios em ruínas, nos relvados artificiais colocados num espaço público sempre em festa, mas que não consegue esconder a brincadeira de quem joga críquete na Praça do Martim Moniz, nem tão pouco a piscina insuflável em pleno núcleo do bairro para alegrar as crianças num domingo ensolarado de verão, enquanto por detrás ainda se continua a vender drogas ...

Julgo que captar o lugar do bairro como um espaço praticado (Certau, 1980) e abordar as “dolências e indolências da quotidianidade numa perspectiva metodológica que vá sondando as profundidades ocultas das estruturas sociais à superfície da vida quotidiana (...)” (Machado Pais, 2010a), insinua-se como um caminho para compreender a continua invenção do património numa cidade em transformação, mas também com muitas perturbações<sup>8</sup>. E, como referido por Vera Telles (2010), interessará igualmente estar-se atento às dinâmicas urbanas que explicam sobre as condições de acesso à cidade e aos seus diversificados, diferentes e desiguais espaços, às lógicas e modos de uso e apropriação dos espaços e seus

<sup>8</sup> Não menos interessante é relembrar Machado Pais (2007, 84) quando refere que “(...) do ponto de vista de uma sociologia do quotidiano, não é apenas importante aquilo que fixa regularidades da vida social; é também importante aquilo que a perturba”.

recursos, para, enfim, compreender como a trama de atores usa, apropria e representa estes mesmos espaços e recursos. Aqui, descrever através de parâmetros críticos e a partir de uma perspectiva de crítica social é fundamental para analisar, compreender e “colocar em perspectiva realidades urbanas em mutação” (Telles, 2010, 18). Isto é, do “lufa-lufa quotidiano” à compreensão dos conteúdos sociais que inventam “modos de a cidade se fazer e dizer” (Machado Pais, 2010), interessa sobretudo compreender o que mudou e o que se mantém no quotidiano de uma Mouraria do século XXI.

Mais do que somente olhar as vitrinas urbanas de uma realidade em mutação e que, no caso da Mouraria, mais recentemente tem dado lugar a definições de imagens identitárias particularmente impactantes, já que de uma potencial “Little Índia” dos anos de 1980-1990 à deslumbrante “China Town” lisboeta de finais dos anos de 1990 e princípios de 2000, passou a ser referida através de uma interessante associação entre um sentido “*migrantscape*” do viver numa “Babilónia” lisboeta que, entretanto, se transformaria numa “Babel” que se situa entre uma lógica bairrista, multicultural e cosmopolita, como assinalado por uma variedade de inovadores discursos que se vão fazendo sobre o bairro para explicar as transformações daquela realidade. Mas, pergunto-me: e explicam? Não serão estas mesmas metáforas contemporâneas da identidade local manifestações discursivas que, de algum modo, expressam *sentidos de deseabilidade* por parte dos seus inventores? Notar ainda que boa parte destas metáforas, simulacros e simulações da realidade quotidiana, muito embora reflitam-se localmente, são sobretudo criados por inventores extrínsecos ao bairro, fazendo recordar-nos António Firmino da Costa (1999) quando nos fala de um “redobramento simbólico” conduzido do exterior. Pelo que, ainda que as metáforas, os simulacros e as simulações do real expliquem algo da dinâmica socio-espacial, na compreensão das continuidades e transformações urbanas, não menos importante será estar-se atento aos perigos que a profusão dos mesmos podem transportar, “duplicando, com efeito caleidoscópico, a heterogeneidade de seu objeto” (Magnani, 2001, 170). Ao que,

interessa evitar “o risco de se reproduzir, no plano de um discurso interpretativo, a fragmentação pela qual as grandes metrópoles são muitas vezes representadas nos meios de comunicação social, nas artes plásticas, na fotografia e em intervenções artísticas no espaço público” (Magnani, 2001, 170).

Quando do confronto entre a “reflexividade impositiva (orientada pelo passado)” e a “reflexividade transformadora (orientada para o futuro)”, o quotidiano se coloca como um “terreno de negociações, resistências e inovações e, conseqüentemente de dilemas” (Machado Pais, 2007, 25). Assim, na medida que nutro um interesse particular pelos processos de transformação urbana e de invenção continuada do património, ao recorrer ao caso da Mouraria como filtro para compreender e discutir estes processos, em jeito de notas finais, reivindico o *direito à visibilidade do quotidiano* como um caminho possível para problematizar o lugar de um espaço, bem como uma possível forma de compreender, *a partir de e sob* uma perspectiva crítica, as invisibilidades que se fazem por conhecer para melhor definirem-se as condições de acesso à cidade, ao seu património e imaginários.

## BIBLIOGRAFIA

---

- Baudrillard Jean, [1981] 1991, *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Biase Alessia de, 2012, “Por uma postura antropológica de apreensão da cidade contemporânea. De uma antropologia do espaço à uma antropologia da transformação da cidade”. *Redobra [on line]*, 11, 4, pp. 190-206 Disponível à: [http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/revista\\_redobra11\\_virtual.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/revista_redobra11_virtual.pdf) [Consultation 10/11/2014].
- Capel Horacio, 2005, *El Modelo de Barcelona*, Barcelona, Ediciones del Serbal.
- Certau Michel de [1980] 1990, *L'Invention du Quotidien*. Vol. 1: Arts de Faires. Paris: Gallimard.



- Firmino da Costa António, 1999, *Sociedade de Bairro*. Oeiras: Celta Editora.
- Firmino da Costa António, Ribeiro, Manuel J., 1989, "A construção social de um objecto de reabilitação", *Sociedade e Território*, n.º 10-11, pp. 85-95.
- Lefèvre Henri, [1968] 2008, *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro Editora.
- Machado Pais José, 1986, "Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana". *Análise Social*, Vol. XXII (90), 1986-1.º, p. 7-57.
- Machado Pais José, 2007, "Cotidiano e Reflexividade". *Educação e Sociedade*, Vol. 28, n.º 98, pp. 23-46. Disponível à: <http://www.cedes.unicamp.br> [Consultation 15/12/2014].
- Machado Pais José, 2007a, *Sociologia da Vida Quotidiana: Teoria, Métodos e Estudos de Caso*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Machado Pais José, 2010, *Lufa-lufa Quotidiano. Ensaios sobre Cidade, Cultura e Vida Urbana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Machado Pais José, 2010a, "O 'corre-corre' cotidiano no modo de vida urbano". TOMO - Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. Sergipe: UFSE, p. 131-156.
- Magnani José, G. Cantor, 2001, "Espaço e cultura na cidade contemporânea". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 16, n.º 45, São Paulo, pp. 168-170. Disponível à: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n45/4337.pdf> [Consultation 10/04/2015].
- Menezes Marluci, 2002, Mouraria: entre o Mito da Severa e o Martim Moniz – Estudo antropológico sobre o campo de significações imaginárias de um bairro típico de Lisboa. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL.)
- Menezes Marluci, 2004, *Mouraria, retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*. Oeiras: Celta Editora.
- Menezes Marluci, 2005, "Património urbano: por onde passa a sua salvaguarda e reabilitação? Uma breve visita à Mouraria". *Cidades Comunidades e Territórios*, n.º 11, Lisboa: CET / ISCTE, pp. 65-82. Disponível à: [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3419/1/Cidades2005-11\\_Menezes.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3419/1/Cidades2005-11_Menezes.pdf) [Consultation 15/12/2014].
- Menezes Marluci, 2012, "Debatendo mitos, representações e Convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta". In *Sociologia*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural. Porto: FLUP – UP, pp. 69-95. Disponível à: [file:///C:/Documents%20and%20Settings/marluci/My%20Documents/Downloads/Marluci%20Menezes\\_Sociologia\\_RevUP%20\(1\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/marluci/My%20Documents/Downloads/Marluci%20Menezes_Sociologia_RevUP%20(1).pdf) [Consultation 10/10/2014].
- Menezes Marluci, 2012a, "Cultural diversity scenarios at the urban public space. The case of Mouraria neighbourhood (Lisbon)". In Pinto da Silva Madalena (coord.), 'EURAU12 Porto | Espaço Público e Cidade Contemporânea: Atas do 6º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design'. Porto, FAUP. ISBN 978-989-8527-01-1v. Disponível à: <http://www.eurau12.arq.up.pt/sites/default/files/581.pdf> [Consultation 20/03/2015].
- Portas Nuno, 1985, "Notas sobre a Intervenção na Cidade Existente". *Sociedade e Território*, Ano 1, n.º 2, Lisboa, pp. 8-13.
- Queirós João, 2007, "Estratégias e discursos políticos em torno da reabilitação de centros urbanos. Considerações exploratórias a partir do caso do Porto". *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 55, pp. 91-116.
- Sevilha Ana R., 2014, "Entrevista com João Meneses, coordenador do GABIP da Mouraria". In Olá Mouraria Traço – Caderno Especial do Jornal *Quinzenário Construir*, Ano XI, n.º 265, 21.03.2014, pp. 32-37. Disponível à: <https://flipflashpages.uniflip.com/2/7856/326484/pub/html/33.html> [Consultation 15/10/2014].
- Telles Vera, 2010, *A Cidade nas Fronteiras do Legal e Illegal*. Belo Horizonte: Argumentum.
- Uribe Ruiz, Nélica, Martha, 2011, "Reseña de 'Cultura y Simulacro' de Jean Baudrillard". *Razón y Palabra*, vol. 16, núm. 75, febrero-abril, Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey. Estado de México, México. Disponível à: <http://www.redalyc.org/articulo>.

[oa?id=199518706032](https://www.iaa.gov.pt/iaa/oa?id=199518706032) [Consultation  
20/11/2014].

## SITES CONSULTADOS

---

Câmara Municipal de Lisboa, Programa “Ai Mouraria”. Disponible à: <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/>

“Boudrilhar na Mouraria – Excertos de uma primeira leitura de ‘Simulacros e Simulação’ de Jean Baudrillard”, Vargas, José S. Disponible à: José Smith Vargas: <https://www.behance.net/gallery/4749735/Boudrilhar-na-Mouraria>